

# do mestre com carinho

POR MONICA RAMALHO

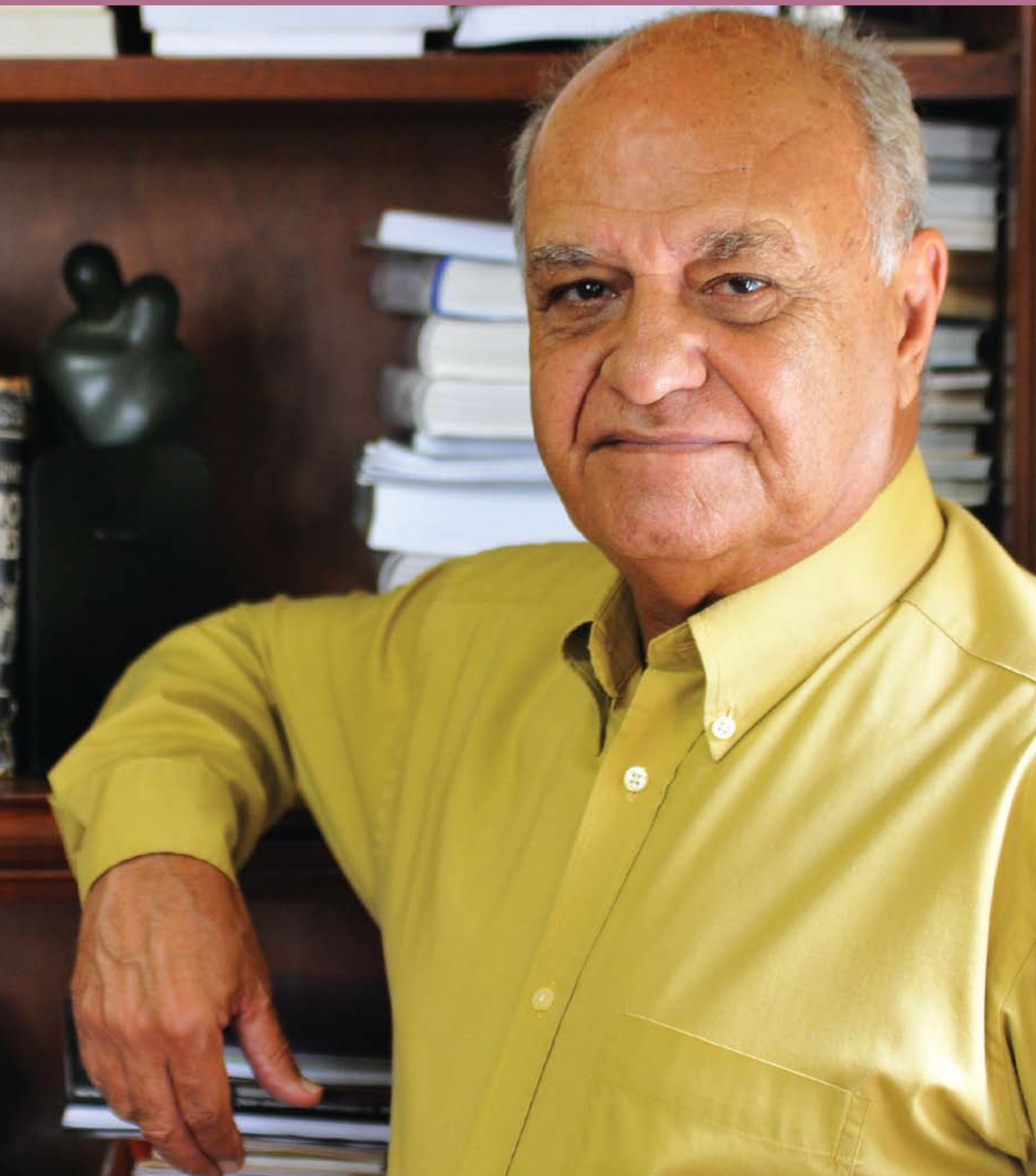
O professor Hélio Alonso tem uma das maiores proles do Rio de Janeiro. São milhares e milhares de alunos, que perfazem gerações. Só para listar algumas personalidades que sentaram nos bancos das suas escolas, citamos o compositor Paulo César Pinheiro, o violonista João de Aquino, o cantor Emílio Santiago e também o pesquisador Ricardo Cravo Albin – sim, ele, o patrono da Cariquice. O fato é que Hélio Alonso é sinônimo de boa educação e sólida formação acadêmica. Merecia virar enredo de escola de samba.

“Na primeira turma que preparei, aprovei 112 dos 120 alunos. Mais de 90 deles na Faculdade Nacional de Direito, a mais disputada na época. Nesse dia, aluguei duas salas na Rua da Assembléia que ficaram comigo até o ano passado e onde, nos últimos anos, funcionou a Heliotur, nossa agência de turismo”, contabiliza o professor, ao recordar um dos momentos gloriosos de sua vida profissional. A história toda, sem exagero, é digna de um roteiro para cinema. O professor Hélio Alonso é um empreendedor. Aos 80 anos, ainda escreve uma biografia de esforço e criatividade, elementos que aprendeu cedo, ao vencer na vida.

Ele nasceu em Niterói em 1928 e a família veio em peso para o Rio de Janeiro em 1942. Aos 14 anos, Hélio era uma garoto esperto que adorava perambular pelas ruas da Saúde na

companhia dos irmãos. O pai era operário de uma fábrica de tecidos e a mãe, dona de casa. “Nós cinco começamos a trabalhar cedo e com carteira assinada por influência dele”. Espanhol e intelectualizado, Miguel Alonso suava a camisa no Moinho Inglês. “Quando nasci, ele era contra-mestre e já havia fundado o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) com Getúlio Vargas. Ele e mamãe, Arcelina, se conheceram na fábrica”.

Uma das vontades de Hélio é colocar no papel o enredo da família – já pensou até no título: ‘Éramos sete’. “O Lauro também trabalhava na fábrica com o meu pai e se aposentou relativamente cedo. Nelson serviu por nove anos na Escola de Aprendizes da Marinha, em Angra, e depois abriu a empresa dele, de consertos de máquinas em geral. Myrtes era professora primária de artes. Casou cedo, mas quando ficou



viúva foi trabalhar comigo no curso preparatório. Miguel, o caçula, também era advogado, apesar de ter ganhado dinheiro com uma empresa especializada em vidros”. Todos já faleceram, mas, como se vê, era uma família trabalhadora.

Outro feito de Hélio Alonso é que aos 18 anos ele havia feito apenas o primário e, de repente, aos 26, era aluno de dois cursos superiores: de manhã estudava Letras Clássicas na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e à noite, cursava Direito na Nacional. E para custear essa vida de estudante, trabalhava à tarde. Vamos rebobinar só um pouquinho para explicar como Hélio Alonso colocou a mão na massa. Aos 12 anos, ele foi matriculado no curso de datilografia. “Meu pai era professor e tinha uma biblioteca ótima, com clássicos de Eça de Queirós, Miguel de Cervantes e muitos outros. Ele me colocou na datilografia porque não queria que eu trabalhasse na fábrica, mas no escritório”. Um pai, digamos, visionário.

Em 1942, assim que mudaram para o Rio, Hélio foi contratado como *office boy* do Sindicato de Mestres e Contramestres da Indústria de Fiação e Tecelagem. Entre as tarefas, bater à máquina os recibos dos associados e entregar as guias do imposto sindical pela cidade. “Foi bom porque conheci o Rio de Janeiro inteiro. Andava muito a pé e de bonde, da Praça XV à Gávea”, lembra, com visível saudade destes tempos de andarilho. Na ocasião, a secretária Elizabeth orientou: ‘Hélio, como filho de operário você nunca chegará a uma faculdade. Então, faça um curso comercial para ser um bom funcionário’. “Nos anos 40 isso era verdade e segui os conselhos dela. Estudei dois anos no Instituto Comercial Brasil, ali na Rua Uruguaiana”. Aos 15 anos, um novo mundo se abria para ele, ao aprender português, taquigrafia, contabilidade e noções de inglês, as disciplinas do curso.

**“Como era bom aluno, um professor sugeriu que eu fizesse o Artigo 91. Funcionava assim: você se preparava para fazer a prova no Colégio Pedro II. Se passasse, ganhava o diploma do ginásio e podia fazer o científico. Depois de um ano de aulas na Associação Cristã de Moços (ACM), fui aprovado”**



Formatura no curso de Direito na Faculdade Nacional de Direito em 1955



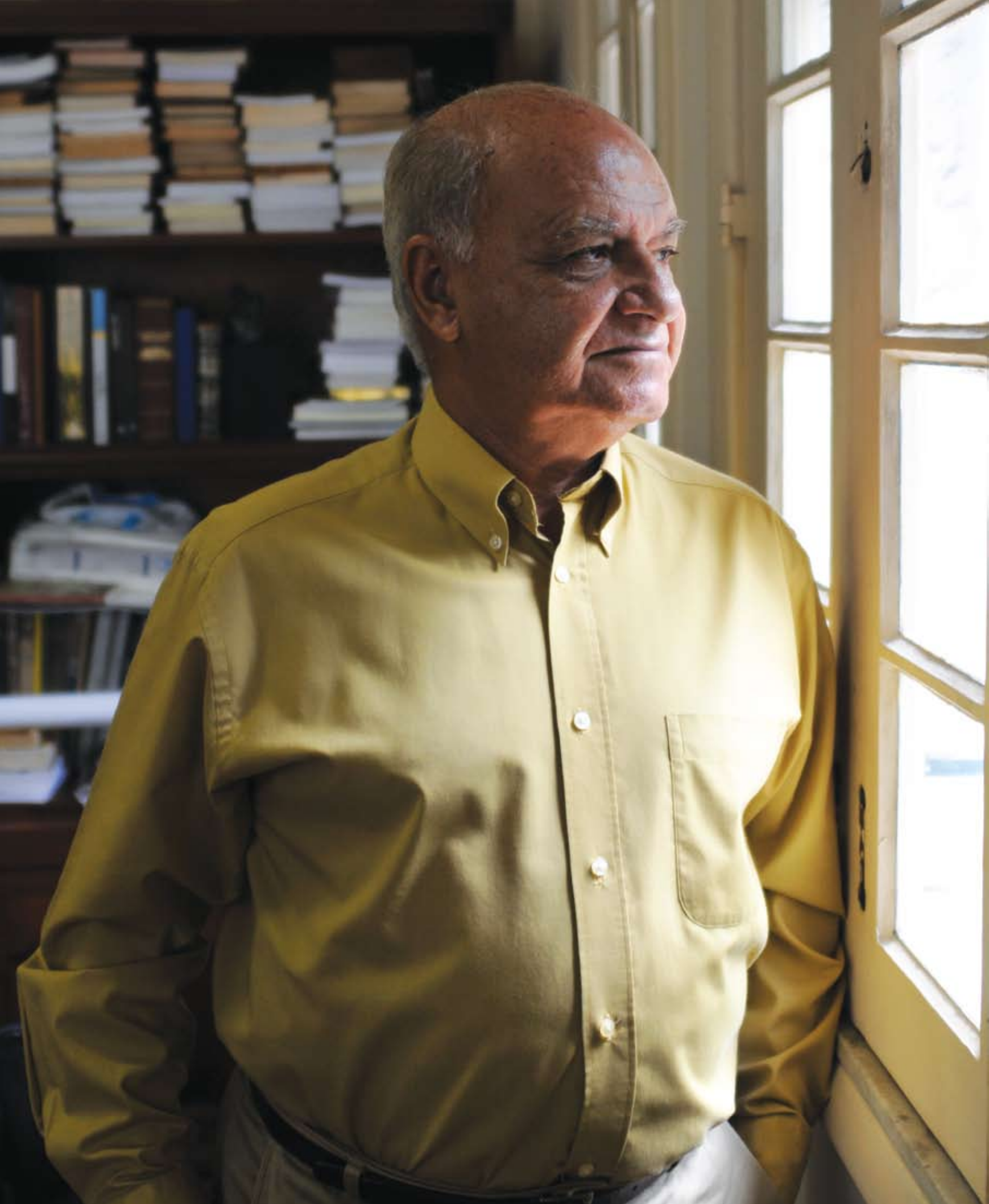
O Prof. Hélio, quarto da direita para a esquerda, em foto de 1956 com professores do Curso Hélio Alonso

“Como era bom aluno, um professor sugeriu que eu fizesse o Artigo 91. Funcionava assim: você se preparava para fazer a prova no Colégio Pedro II. Se passasse, ganhava o diploma do ginásio e podia fazer o científico. Depois de um ano de aulas na Associação Cristã de Moços (ACM), fui aprovado”. Hélio dominava o português e aprendeu o latim com facilidade. Aproveitava os sábados, depois do horário regular de aula e nas salas da ACM, para ensinar aos colegas de turma as regras do latim. Era a veia de educador que se insinuava nos pulsos do rapaz de sangue espanhol e alma carioca.

Hélio prosseguiu os estudos no Instituto Juruema, onde fez o colegial. “Ainda era solteiro e morava na Saúde com meus pais”. Depois de um ano como *office boy*, encarou três anos como

faturista do Moinho Inglês, que produzia, além de tecidos, farinha de trigo e derivados, entre eles os biscoitos Aymoré. “Quando completei 18 anos, cismeiquei que queria ganhar o que os outros faturistas ganhavam, mas o salário não subiu apesar de eu ser o xodó do presidente da companhia. Até que um colega que estudou latim comigo, chamado Oniel, disse que tinha uma vaga para chefiar uma sessão na Pelikan. Exigia apenas datilografia e português e eu preenchia com folga os requisitos”. Abocanhou a vaga, cujo salário saltara de Cr\$ 250,00 do primeiro emprego para Cr\$ 1.100,00 na Pelikan, após os Cr\$ 650,00 que ganhava no Moinho.

Aos 20 anos, foi soldado de cavalaria do Exército; e aos 21, ingressou na Faculdade Nacional de Direito. Em 1950, em busca de melhoria



salarial e estabilidade, fez um concurso para escriturário do antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI, o atual Instituto Nacional de Seguridade Social, INSS) e conquistou o posto, que rendia Cr\$ 1900,00 mensais. Hélio revela a fórmula que usava para dar conta de duas faculdades simultâneas: “O segredo era não faltar as aulas e anotar tudo”. Sempre ambicioso – no melhor sentido da palavra –, ele foi atrás de um novo concurso, que oferecia mais chances de crescimento: estudou e passou para o cargo de Oficial Administrativo, ganhando iniciais Cr\$ 2100,00.

Hélio dava expediente na Divisão Jurídica do IAPI. Um dia, recebeu um parecer do procurador Péricles de Souza Monteiro. Não hesitou: corrigiu os erros de português do documento. “E ele não gostou nada daquilo. Reclamou com a chefia e me chamou para conversar. ‘Quem é você?’, quis saber. E eu já estava me formando nos dois cursos. Respondi e ele ficou encantado comigo”. Neste emprego conheceu o consultor jurídico Rocha Leão, que também

trabalhava no Ministério do Trabalho. Certa vez, ele estava precisando de um assistente para cobrir férias e chamou o Hélio. “Fui e atuei como assistente jurídico por 12 anos. O horário era livre e eu entregava mais pareceres do que os demais”.

Em 1953, Hélio Alonso foi convidado por um colega de faculdade para dar aulas de latim no curso preparatório que o rapaz estava criando na Tijuca. Apenas onze pessoas se inscreveram e o curso não foi adiante. Só que a turma quis continuar estudando latim com ele, que, a esta altura, também já atendia alunos particulares. As disciplinas que caíam nos vestibulares eram latim, português, francês e história. “A minha noiva Josefina, com quem me casei três anos depois, estava terminando um curso de francês e um amigo sabia história demais. Arranjei uma sala na Rua México e preparei esse pessoal à noite. Aprovei todos eles na Faculdade Nacional de Direito e vislumbrei uma mina: o latim era a matéria que mais reprovava”. E ele podia dar aulas à vontade porque não tinha horário fixo no Ministério do Trabalho.

“Então resolvi abrir um curso preparatório para o vestibular. Tudo indicava que daria certo. Pedi um empréstimo de Cr\$ 20.000,00 e aluguei uma sala na Rua da Assembléia esquina com Rio Branco. Comprei umas carteiras velhas e infantis que haviam pertencido ao Colégio Rui Barbosa, em Laranjeiras, a minha noiva me ajudou a arrumar o espaço e pregar o quadro-negro, essas coisas. Anunciei no jornal e dei sorte. Naquele ano, 1954, abrimos três turmas e para comportar os 120 alunos, foi preciso criar a quarta turma”. O curso que foi o embrião de toda a Organização Hélio Alonso ficou na mão de terceiros por anos a fio, mas o professor jura que vai reassumí-lo. E promete mais: ele está criando um curso preparatório para o exame

**O Colégio Hélio Alonso –  
instalado no Méier, na Rua  
Lucídio Lago, onde funcionou  
o Dois de Dezembro – nasceu  
em Botafogo e o curso pré-  
vestibular chegou a ter 20 filiais  
em todo o Estado**



Discurso do Prof. Hélio na homenagem "Personalidade Educacional 2005" promovida pela Folha Dirigida

da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), cujo índice de reprovação é altíssimo.

O Colégio Hélio Alonso – instalado no Méier, na Rua Lucídio Lago, onde funcionou o Dois de Dezembro – nasceu em Botafogo e o curso pré-vestibular chegou a ter 20 filiais em todo o Estado. As Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha) existem desde dezembro de 1971, numa época em que havia pouquíssimas instituições de ensino superior particulares. Hélio desenhou o curso de Comunicação Social (que se subdivide em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas)

e, dois anos depois, Turismo, uma de suas paixões. Houve um curso de Informática por alguns anos. E desde 2007, a Facha também está habilitada a formar advogados. “O nosso curso de Direito é ímpar, credenciado na Escola de Magistratura”, explica, orgulhoso. Em todos os empreendimentos, o professor Hélio Alonso conta com o reforço familiar: a mulher Josefina, 81 anos, companheira de vida inteira, e as filhas: a vice-presidente Márcia, a supervisora financeira Cláudia e Andréia Alonso, que mora em Portugal, mas acompanha de perto as invenções do pai educador. ■■